

BASF Sociedade de Previdência Complementar

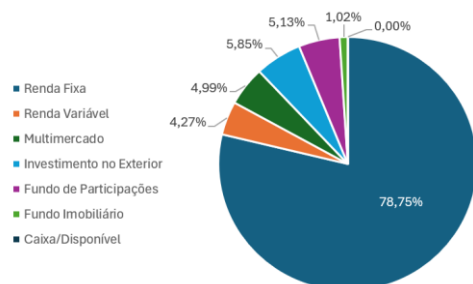
Informe Trimestral – Junho 2026

Segmento	Retorno no ano	Percentual do CDI
Renda Fixa	6,37%	93%
Renda Variável	2,97%	43%
Multimercado	4,38%	64%
Investimento no Exterior	7,83%	114%
Fundo de Participações	5,42%	79%
Fundo Imobiliário	1,14%	17%
Cota BASF	5,92%	86%

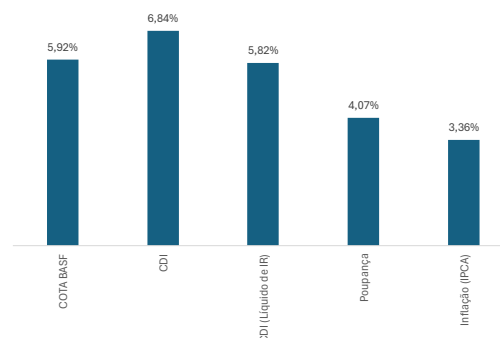
Indicadores	Até Jun/2026	Expectativa 2026*
Selic (meta)	14,75%	13,50%
IPCA (12 meses)	4,64%	5,11%
Dólar (final do período)	R\$ 5,1766	R\$ 5,15

* Fonte: Relatório Focus, BACEN, base 05/06

Composição Patrimonial R\$ 2,432 bilhões



Retorno Acumulado em 2026



Comentários

O segundo trimestre de 2026 começou e terminou com o conflito no Oriente Médio entre EUA e Irã sendo a principal notícia e fator que determinou os movimentos dos mercados durante o período. Após um início de trimestre em que se imaginava que o referido conflito poderia ser breve e não causar impactos relevantes e duradouros na cadeia de suprimento de petróleo e seus derivados, sua extensão além do que se imaginava passou a impactar de maneira mais profunda os preços dos ativos e as expectativas para as economias dos países ao redor do mundo. Dessa maneira, investidores e analistas passaram a fazer as contas de não mais “se” o conflito impactaria a dinâmica econômica mundial, mas sim “o quanto”. Com o passar do período, as avaliações de que os países seriam duplamente impactados em seus crescimentos e em suas inflações pela alta do preço do petróleo, que chegou próximo a US\$120 o barril (Brent), e por uma possível escassez da commodity, migraram para uma avaliação quase que unânime que nesse momento o crescimento de modo geral estaria preservado e que a inflação seria, sim, a principal variável impactada.

Nesse contexto, os Bancos Centrais passaram a adotar postura e ações mais duras, com o Banco Central Europeu e o Banco do Japão aumentando suas taxas em 0,25%, e com o Federal Reserve (BC dos EUA) mantendo-as na faixa de 3,50%-3,75%, mas com um discurso muito mais duro de combate à inflação. As preocupações com a inflação mundial e as respostas dadas pelos Bancos Centrais impactaram as taxas de juros dos mercados, mesmo naqueles em que não houve um aumento da taxa oficial pelo BC, revertendo por completo, no caso dos EUA, as expectativas de queda dos juros nesse ano para possibilidade de uma ou duas altas até o final de 2026.

Do lado da atividade e da economia real nos EUA, os dados foram de forma geral mistos, com bons números do mercado de trabalho (embora tenha caminhado para um nível de menor pujança), boa performance das vendas no varejo e do consumo das famílias, mas com a renda real recuando devido à inflação ter superado os ganhos dos salários. Especificamente sobre a dinâmica dos preços, a inflação ao consumidor medida pelo CPI e divulgado no período apresentou alta forte nos três meses e com o número divulgado em junho (alta mensal de 0,5%, maior para o mês desde o início de 2023), alcançou 4,2% no acumulado de 12 meses.

Assim, o período foi conturbado por causa do conflito, com ataques militares, retóricas e indas e vindas do noticiário, além das preocupações com seu impacto sobre as economias, mas terminou com EUA e Irã concordando com um memorando de entendimento de 14 pontos que permitiu que o Estreito de Ormuz reabrisse e o tráfego de embarcações comerciais atingisse o maior nível desde o início do conflito. Embora o acordo tenha se mostrado até certo ponto frágil, com alguns ataques ocorrendo após ele, o mês terminou com um cessar-fogo estabelecido (o que permitiu que o preço do petróleo recuasse cerca de 20%). Outro ponto que impactou os mercados, principalmente as bolsas, foi a dinâmica dos negócios com empresas de IA, que

apresentou renovado otimismo no início do trimestre devido à temporada de resultados muito forte, mas que no final de junho perdeu um pouco de tração diante do aumento das preocupações com preços elevados, dúvidas sobre a geração de caixa no longo prazo e planos agressivos de capex. No fechamento do trimestre, embora tenha havido certa materialização da alta da inflação no período e uma postura mais dura dos Bancos Centrais, o período foi francamente positivo para as bolsas mundiais, que se recuperaram da queda de março e subiram 14,87% (S&P500) e 13,32% (MSCI World).

No Brasil, o período também foi amplamente impactado pelo conflito, como não poderia ser diferente, e pelo movimento do fluxo de investimentos estrangeiro, principalmente no mercado acionário. No entanto, questões locais como o calendário eleitoral e a sempre preocupação com as contas públicas também habitaram as mesas dos analistas e as cabeças dos investidores,

Do lado da atividade, os números continuaram apresentando dados mistos, mas de modo geral corroborando o cenário de desaceleração que já vinha ocorrendo desde 2025. Considerando os dados divulgados no período, após um primeiro trimestre mais favorável, o crescimento do varejo foi interrompido, refletindo um ambiente econômico mais desafiador para o consumo. Os Serviços apresentaram um período de muita volatilidade, fechando muito próximo do nível de dezembro de 2025, enquanto a Indústria teve uma boa dinâmica, com quatro resultados positivos consecutivos e expansão acumulada de 4,4%. Quanto ao mercado de trabalho, o Novo Caged registrou sinais de desaquecimento gradual após o forte mês de março, mesmo comportamento da PNAD Contínua, que indicou um quadro incipiente de perda de força do mercado de trabalho.

Do lado da inflação e política monetária, o IPCA apresentou importante deterioração não só no comportamento corrente, como nas expectativas para os próximos anos. Com pressões disseminadas entre os setores, mas maior impacto dos preços administrados e do combustível, embora o governo tenha lançado medidas para amortecer a alta do petróleo na bomba, o IPCA de 12 meses chegou 4,72%, maior nível desde setembro de 2025 e acima do teto superior do intervalo de 1,5 ponto percentual da meta estabelecida pelo CMN de 3%. A deterioração da inflação corrente e a desancoragem das expectativas fez com que o COPOM tivesse que alterar seu plano de voo, até cortando a SELIC, mas em um nível muito menor do que esperado anteriormente ao conflito (0,5 ponto percentual na somatória de duas reuniões).

Por fim, o recrudescimento das preocupações com as contas públicas, que mesmo diante de forte arrecadação registrou dívida do setor público consolidado de 67,9% em termos líquidos e 80,34% em termos brutos, também teve algum impacto nos preços dos ativos, principalmente de renda fixa, assim como a evolução do calendário eleitoral que evoluiu para um cenário de menor probabilidade de alternância de poder.

No fechamento do trimestre, o comportamento e performances dos mercados domésticos caminharam seguindo as notícias dos conflitos, mas também foram impactados pela relevante saída de capital estrangeiro (que após acumular quase R\$ 70 bilhões em meados de abril, encerrou junho com saldo positivo em R\$ 38 bilhões) e pelo aumento das projeções de inflação que elevaram as estimativas para a Selic e dos juros de mercado (adicionalmente, a reunião do COPOM de junho também gerou ruído e resultou em alta das taxas). Na B3, os assuntos comentados, principalmente a saída de capital estrangeiro (que afetou mais as empresas mais líquidas), em conjunto com a queda do preço do petróleo (que em conjunto fizeram as ações da Petrobrás recuarem cerca de 20% no trimestre, lembrando que a participação no índice das ações ON e PN é de cerca de 12,5%), resultaram em uma queda da Ibovespa de 8,24% (IBr-X -8,44%). Na renda fixa, o período conturbado e a alta nas taxas de juros dos papéis prefixados (na média 20 pontos base) e dos atreladas à inflação (na média 50 pontos base), resultaram em retornos aquém do CDI do IRF-M (2,63%, que representa as estratégias prefixadas) e do IMA-B (1,07%, que representa os títulos indexados ao IPCA).